

Sobre o Caro utilizador da Internet, Segundo Michel Tap, webmaster deste site, a função de "Sobre" é apresentar-me a si, especificar os objectivos e as realizações de mais de 40 anos de vida profissional, com o pressuposto de que este olhar para trás pode ser-lhe útil, como pessoa ou como responsável de uma associação ou instituição...

Esta operação pode ser vista como narcisista, mas eu gostaria de a viver como uma experiência, como uma expressão da minha identidade narrativa (um conceito estudado a partir de Paul Ricoeur)(1) , tão verdadeira é que construímos quem somos através das nossas memórias e da forma como as contamos aos outros. Podem consultar o meu Curriculum Vitae clássico, mas neste texto gostaria de aproveitar a vossa atenção como leitor para fazer um esforço de reflexão, se possível de forma sintética (!) sobre a minha própria vida profissional e de tirar algumas conclusões teóricas. O importante para mim aqui é tomar-me como cobaia (e não como exemplo!) a fim de teorizar as minhas próprias práticas e verificar se tenho ou não sido capaz de praticar as minhas teorias de psicologia da vida.

1. Como disse Erik Erikson, o acesso à reforma pode ser um momento para fazer um balanço da sua vida. Por outras palavras, é tempo de eu fazer algumas "avaliações". Avaliar implica necessariamente articular dois aspectos que por vezes podem ser experimentados como contraditórios: 'dar valor' (subjectiva e normativamente) e 'medir' (objectivamente).

2. Algumas pessoas próximas de mim tendem a considerar que este site me bloqueia em actividades passadas, que me impede de avaliar objectivamente produções anteriores e de produzir novas produções. Assim, exortam-me a otimizar o tempo que me resta para viver, a escolher qualidade de vida à custa da qualidade do serviço! Mas para mim, estas duas qualidades são ambas fundamentais, e estou a tentar, por enquanto, valorizá-las em conjunto. A reforma não parou de forma alguma a minha paixão pela investigação, o meu desejo de trabalhar em equipa e de ajudar aqueles que dela necessitam.

3. Mas aqui entra em jogo a necessidade de trabalho de fronteira: como podem a investigação e as relações profissionais ser equilibradas com o amor e as relações familiares, com a necessidade de cuidar de si próprio (auto-compaixão) sem sobrecarregar os outros e vice-versa? Como posso responder às exigências externas e, ao mesmo tempo, dedicar tempo a responder às minhas próprias aspirações? Este trabalho sobre limites é, ao mesmo tempo, um trabalho de luto. Qualquer escolha, qualquer decisão conduz inevitavelmente a perdas que se somam às perdas ligadas ao envelhecimento ou ao inevitável.

Nota: Sobre o tema da identidade narrativa, estou em total acordo com Jean-Marc Ferry quando ele mostra que a identidade narrativa deve ser superada para se chegar a uma identidade argumentativa e reconstrutiva (cf. *Soi, identités et adaptation* ")

4. Um dos maiores desafios da minha vida tem sido associado à dificuldade de ser simultaneamente humanista (Rogérien) e rigoroso (tanto no qualitativo como no quantitativo), baseando toda a minha investigação no desenvolvimento positivo da pessoa ao longo da sua vida (aquilo a que chamámos "personalização" no Laboratório de Toulouse intitulado "Personalização e Mudança Social" (PCS) que co-direi ou dirigi durante 16 anos), mas tendo em conta as necessidades científicas de avaliação e verificação. (Hoje prefiro falar de 'personação'.

5. Outro aspecto essencial diz precisamente respeito à forma como os processos psicológicos (individuais, interpessoais, grupais) e institucionais, sócio-culturais, são interstruídos. A noção de interstructuração de sujeitos e instituições proposta pelo PCS Lab significa que se formos fortemente determinados pela dinâmica das instituições, pressões sociais, crenças e

práticas culturais, não somos passivos na dinâmica destas determinações. As pessoas, individual e colectivamente, estão também na própria origem das instituições e da sua transformação.

6. A maior parte da investigação realizada (pessoal ou colectiva) desde 1963 (ver Bibliografia) é directamente influenciada pela necessidade de analisar as interacções entre as disposições institucionais e sócio-culturais e as disposições pessoais e colectivas (por disposições entendo aqui "o que a pessoa (ou o grupo) tem aqui e agora", por outras palavras: o seu "potencial", as suas competências actualizáveis). Por exemplo, na minha tese de pós-graduação (1967) estudei "o adolescente em relação aos pais e professores" (disponível na biblioteca do Instituto de Psicologia em Paris) (mas defendida em Toulouse) A adolescência é uma fase de transição que pode envolver a gestão de conflitos entre o jovem e as instituições familiares e escolares. Mas esta fase inclui a necessidade de adaptação, de 'lidar' com situações difíceis (aquilo a que hoje se chama estratégias de sobrevivência, que permitem lidar com o stress e procurar resolver problemas, para gerir as preocupações da vida quotidiana). Na minha tese de estado (1981) intitulada "Identidade, identificação e representações de género (Abordagem ao estudo da personalização do actor social)" (Paris X, Nanterre), analisei a forma como as crianças constroem a sua identidade de género (tornando-se um rapaz ou uma rapariga) internalizando as representações sociais do sexo e identificando-se com pessoas de um ou outro sexo. Mas embora a identidade pessoal se baseie na identidade de género esperada, masculina ou feminina, e em identificações, não pode ser confundida com esta última. O pessoal e o colectivo são interstruídos a partir da complexa articulação entre significados (orientados e legitimados pelo sujeito de acordo com pressões e incentivos) e práticas. (cf. ref. biblio. N° 54 1985 Masculin et féminin chez l'enfant. Prefácio de R. Zazzo).

7. A partir dos anos 70, a noção de identidade tornou-se central para todo o meu trabalho em psicologia do desenvolvimento social (pessoal e colectivo). Eu defino identidade como o sistema de representações e sentimentos a partir do qual a pessoa ou grupo se define, se reconhece a si próprio, é definido ou reconhecido por outros, no quadro da sua cultura de pertença. (Ver os livros e artigos na bibliografia sobre identidade). Assim definida, a identidade não pode ser confundida com a personalidade (sistema de coordenação de comportamentos complexos, incluindo comportamento, atitudes e actividades mentais). Como tal, a identidade é um sub-sistema de personalidade. A identidade também não pode ser confundida com o auto-conceito. Implica necessariamente uma comparação temporal e sociocultural (ser semelhante ou diferente) entre o eu presente e o eu passado ou desejado, entre o eu e os outros. A dinâmica de identidade baseia-se em vários paradoxos e envolve múltiplos sentimentos contraditórios: continuidade e ruptura, unidade e dispersão do eu, semelhanças e oposições, etc. Propus o termo identisação para explicar esta dinâmica paradoxal (permanecer o mesmo enquanto se altera, construir uma auto-imagem estável apesar dos conflitos de identidade, etc.). Podemos assim falar de identisação temporais (permanecendo o mesmo ao longo do tempo, idem) e de i identisação estruturais (sendo eu próprio, ipse).

8. Mas estes processos fazem parte da dinâmica mais ampla da personalização e das estratégias que esta dinâmica implica. Estratégias de identidade (que fornecem a base para a segurança emocional através de defesas e protecções, bem como a capacidade de explorar e gerir riscos. A teoria do apego) permite o desenvolvimento de estratégias de envolvimento social e cultural, a partir das quais o indivíduo socializa e se apropria de valores e significados colectivos (estratégias de reconhecimento e legitimação), e para a implementação de

estratégias de adaptação (coping, resilience, mecanismos de defesa, resolução de problemas) e estratégias de orientação (intenções, projectos e realizações que permitem tornar-se a si próprio, como mencionou Jean-Paul Sartre).

9. A teoria da personalização-socialização pode ter lugar no que agora se chama psicologia positiva, que se concentra na pessoa, na sua qualidade de vida e bem-estar, nas suas capacidades de resistência e resiliência, abertura, altruísmo e optimismo. Encontramos aqui a tendência de actualização e a questão da positividade incondicional de Rogers, e mais recentemente a noção de experiência ideal como acesso temporário à felicidade, proposta por Mihali Csikszentmihalyi (cf. o seu maior fluxo de trabalho, em tr.fr. Vivre, 2004, R. Laffont). Registe-se também todo o trabalho sobre a noção de empowerment (acesso ao poder) que também pode ser utilizado em termos de trocas interpessoais (ver bibliografia nº 235 e nº 229 capítulo 1).

10. No âmbito do desenvolvimento da psicologia da saúde na Europa, e particularmente em França e Portugal, as equipas em que participo estão a desenvolver múltiplas orientações e trabalham sobre os comportamentos e estratégias das pessoas em situações difíceis (doenças, exclusões, precariedade, rupturas, deficiências, etc.). Sublinhamos constantemente a necessidade de desenvolver instrumentos ou situações metodológicas adaptadas às populações envolvidas.

11. Múltiplas escalas foram construídas e validadas, por exemplo, sobre o stress, o enfrentamento, a integração social, a resiliência, a síndrome de Peter Pan, os valores e a auto-estima. A auto-estima desempenha um papel importante na dinâmica pessoal. No entanto, não se deve esquecer que a auto-estima inclui dimensões negativas (culpa, auto-agressões, depressão, etc.). Mostrámos que a técnica generalizada de inverter a pontuação dos itens negativos para obter uma pontuação global positiva de auto-estima é questionável. Desenvolvemos três escalas de auto-estima baseadas na consideração separada da auto-estima negativa e positiva: a escala ROSES (escala de auto-estima de Rogers) baseada no tipo de Q de Rogers; a NETES (Nouvelle Echelle Toulousaine d'Estime de Soi) e a escala SERTHUAL (uma síntese das duas escalas anteriores, já validadas em Portugal)

12. Como podem ver, concentrei-me mais na pessoa do que na instituição, sou mais um psicólogo do que um sociólogo. Contudo, devido à complexidade das interacções entre as pessoas e os seus ambientes, sempre atribuí grande importância aos efeitos dos contextos, às interacções ecológicas. Poder-se-ia demonstrar que a defesa colectiva dos direitos humanos, cuja grande importância na dinâmica da globalização pode ser vista hoje em dia, perderia todo o seu significado se não se baseasse na verdadeira defesa de pessoas concretas nas situações difíceis, por vezes dramáticas (genocídios, guerras, catástrofes naturais, etc.) que elas vivem. Neste contexto, torna-se importante mobilizar, de acordo com os valores que queremos defender, e utilizar todos os mecanismos disponíveis: associações, sindicatos, partidos políticos, igrejas, etc., não para impor as nossas crenças ou os nossos modos de pensar e de viver, mas para servir aqueles que sofrem para além das oposições, mas valorizando ao mesmo tempo as ligações, as semelhanças e as diferenças

Espero que estes 12 pontos, que se destinavam a ser sintéticos, lhe tenham permitido compreender melhor a orientação e o significado da minha investigação. Espero também que os documentos que encontrará neste site sejam úteis e que possa fazer bom uso deles não só no seu trabalho e pesquisa mas também na sua vida quotidiana. Qual seria a utilidade da ciência ou das práticas psicológicas se não nos pudessem dizer nada sobre nós próprios ou

sobre o que está a acontecer nas nossas vidas e se não nos pudessem ajudar, eventualmente, a lidar com isso!

Atenciosamente, Poitiers, 8 de Março de 2011 Pierre Tap